

UMA LUZ SÚBITA

GARTH STEIN

Tradução
DAVID AGNE

PA
RA
LE
IA

Copyright © 2014 by Garth Stein

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL A Sudden Light

CAPA estúdio insólito

PREPARAÇÃO Quezia Cleto

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stein, Garth

Uma luz súbita / Garth Stein ; tradução David Agne. —
1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: A Sudden Light.

ISBN 978-85-65530-89-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-12961

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

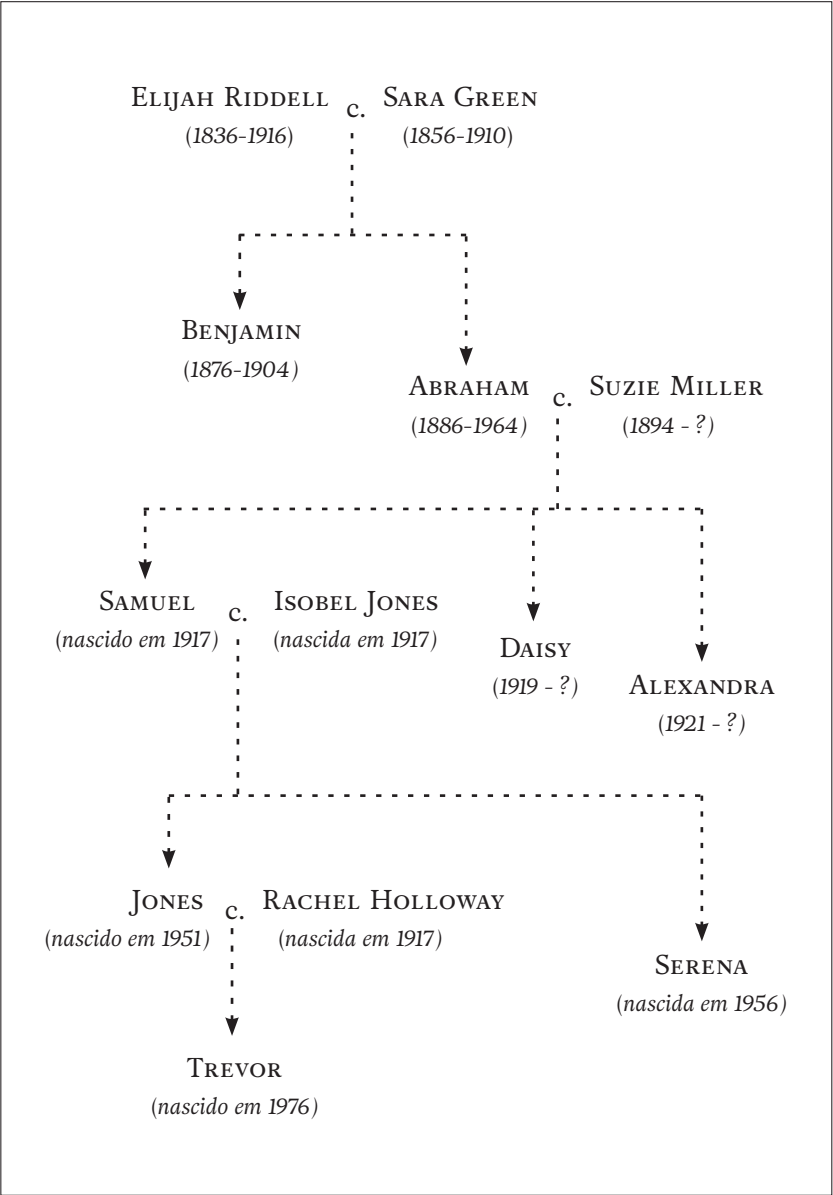
www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Sumário

Prólogo: A maldição	15
1. A Propriedade do Norte	19
2. Saindo de New Haven	29
3. O jantar está servido	32
4. O poderoso Elijah	48
5. À noite na cozinha	51
6. A conversa	58
7. O Livro de Jones	63
8. Inocência perdida	66
9. As montanhas da Califórnia	73
10. O mundo de Ben	80
11. Jantar de aniversário	83
12. Roosevelt e seu homem Pinchot	92
13. A descoberta	98
14. Escalando árvores	107
15. O gigante adormecido desperta	110
16. A câmara de segredos	115
17. O retorno da mão	122
18. A visita de Serena	127
19. Os buscadores	132
20. A cabana	136
21. Dança noturna	146
22. Sobre minha mãe	148
23. O porão	154
24. Escrita automática	166
25. O dilema	174
26. Dickie dança	181
27. Os caídos.....	202
28. O pai daquele homem é o filho de meu pai	206
29. Sons de uma briga	216
30. Este sonhador!	224
31. Tia má	228

32. Fogueira de memórias	237
33. Quid pro quo	246
34. Casa de pedras	251
35. Sedução	254
36. Verdade acima de lealdade	259
37. Uma luz súbita	263
38. A assombração	270
39. Risco duplo	285
40. A árvore de Ben	291
41. O elevador	296
42. Redenção	299
43. A verdade prevalecerá	306
44. A última dança	315
45. Navegando para longe	319
46. Depois da queda	323
Epílogo: Reunião final	326
Agradecimentos	335



1. A Propriedade do Norte

Ao sairmos da estrada no limite norte da cidade, lembro de me sentir desapontado por mergulharmos num subúrbio americano típico. Uma loja de tecidos, um restaurante mexicano Las Margaritas, um salão de jogos Cliff, um posto Arco, uma loja de suprimentos para encanação. Era pior do que eu poderia ter imaginado. Atravessamos uma avenida sem graça num cruzamento com muitos carros esperando para virar à esquerda na seta verde. De repente a rua se estreitou para duas pistas em vez de quatro, e as árvores começaram a se debruçar sobre a estrada, bloqueando o céu. Prestei atenção na transformação. Quando meu pai dobrou numa rua ainda menor, desliguei meu Walkman e descemos por uma via de entrada; logo chegamos a uma guarita e um portão. Meu pai baixou sua janela; a porta de madeira da guarita se abriu e um guarda uniformizado saiu. Era um homem velho e gordo, e não parecia capaz de impedir um ataque, caso alguém quisesse sitiar a Propriedade do Norte que ele evidentemente estava sendo pago para defender.

“Quem você está visitando?”, perguntou o guarda.

“Não estamos visitando”, respondeu meu pai. “Estamos voltando para casa.”

O velho inclinou a cabeça e de repente percebeu o que estava acontecendo. “Não posso acreditar”, ele disse. “Jones Riddell.”

“Val”, disse meu pai, “não posso acreditar que eles ainda te fazem trabalhar no portão.”

“Tentaram me aposentar alguns anos atrás, mas não aguentei ficar sozinho o dia todo, então eles me deixaram voltar.”

Os dois homens ficaram em silêncio. Lembro de sentir um desejo enorme de soltar a pergunta óbvia: *Qual a diferença entre ficar sentado o dia inteiro numa guarita sem mais ninguém por perto, e ficar sozinho?*

“Quanto tempo faz, Jones? Muito tempo.”

“Vinte e três anos.”

“Vinte e três anos. Sua mãe era uma excelente mulher.”

“Era, sim.”

“Uma verdadeira tragédia.”

Val inclinou a cabeça, bateu no teto do carro, endireitou-se e puxou as calças. Caminhou até o portão de madeira e puxou uma alavanca; o braço

subiu, liberando a passagem. Ele acenou quando passamos. “Bem-vindo de volta.”

Que tragédia? A morte da minha avó era assunto proibido. Uma vez tentei perguntar sobre ela, mas não funcionou; meu pai não queria falar a respeito. Fiquei convencido de que ele nunca falaria sobre isso.

À medida que nos afastamos da guarita, o mundo mudou, como se tivéssemos sido transportados para uma floresta medieval. Serpenteamos por entre barrancos e passamos por entradas de casas que eu não conseguia ver — estavam longe e havia milhares de árvores bloqueando a vista. Árvores perenes: cedros, abetos e pinheiros. Árvores de folhas caducas: carvalhos e bétulas, bordos e angicos, aquela espécie peculiar do noroeste norte-americano, com o tronco vermelho se descascando. Fomos entrando na floresta; as placas das casas foram ficando menos frequentes, as vias de entradas foram ficando mais grandiosas, as entradas das casas começaram a ter bloqueios de acesso, muros de pedras irregulares corriam ao lado da estrada. À medida que seguíamos, parecia que voltávamos cada vez mais no tempo. A estrada sinuosa se encolheu num caminho esburacado e cheio de crateras, com pedregulhos que se trituravam sob os pneus do carro como se fossem ossos secos de mortos, e então chegamos ao fim da estrada principal. Ao lado da estrada, havia um portão de ferro quebrado, arrancado das dobradiças por trabalhadores havia muito tempo, e eu sabia que chegávamos ao nosso destino porque não havia mais para onde ir.

Cruzamos a entrada da propriedade e seguimos pela sinuosa ruazinha, que se inclinava até um calmo barranco, antes de subir rapidamente até um pico que revelava uma ampla clareira em uma ribanceira sobre a enseada de Puget Sound. Meu pai parou o carro e fiquei sem palavras. Não por protesto. Mas porque a Casa Riddell me emudecera.

Meu pai havia me contado sobre ela, o lugar de nascimento de seu pai e o lar de duas gerações antes dele. Em termos vagos e superficiais, ele descrevera a casa construída havia quase um século por seu tataravô. Mas ele apontou apenas os pontos negativos da casa. Estava caindo aos pedaços, ele me contou. Praticamente condenada, ele disse. Estamos indo para lá só para tirá-la de sua miséria, derrubá-la, vender a terra, e ponto final. Mas parecia que ele não havia me contado a história toda, porque a Casa Riddell não era o que ele havia descrito. Eu estava esperando um casebre velho, caindo aos pedaços, que nem valia a pena olhar. O que via não era um casebre.

Meu pai desceu do carro; eu também desci e fiquei parado ao lado dele, à beira da rua. Bem depois de um largo campo de grama seca, havia uma estrutura enorme feita de madeira, tijolos e pedras, coroada por um telhado de pesadas lascas de cedro, acentuado por calhas e suportes de cobre verde.

Tanto no primeiro quanto no segundo dos seus três andares, a casa era circundada por uma varanda. A ruazinha em que estávamos acabava em uma grandiosa escadaria de entrada. Conteí rapidamente umas doze chaminés, mas sabia que deviam existir outras. Fiz uma estimativa de pelo menos cem janelas, ainda que não tivesse tempo de contar. Da nossa perspectiva, a casa parecia estar agachada, como se estivesse se entrincheirando na terra. Os pilares que a rodeavam, e que compunham grande parte de seus muros externos, eram troncos de árvores. Árvores gigantes, totalmente crescidas. Desgalhadas e ainda na casca com a qual haviam nascido. Cada uma, um espécime perfeito. Os pilares de árvore estavam na vertical, lado a lado — pelas minhas estimativas, o mais alto, no cume do telhado, devia ter uns quinze metros de altura — uma tropa de gigantes silenciosos e deslumbrantes.

A Casa Riddell.

Respirei profundamente e inalei a brisa: mariscos, algas e barro. Cheirava como a maré baixa quando eu era menino e meus pais me levavam para passar o dia em Mystic, Connecticut. Mariscos e caranguejos e algas marinhas. O vento soprando, e eu lutando contra o saquinho de papel que tinha minhas batatas fritas. Meu pai sorrindo para a minha mãe com olhos amorosos, e se curvando para beijá-la. Ela beijando de volta. E eu, conseguindo finalmente pegar uma batata frita, e pensando que ela era a melhor batata do mundo.

As coisas que a gente lembra...

Do lado oeste, Puget Sound se estendia entre nós e as árvores e o sertão da península de Kitsap, e a cortina de montanhas depois dela, parecendo azul com seus picos irregulares.

“Primeiro objetivo completado”, disse meu pai. “Localizar e identificar a Casa Riddell.”

Naquele momento da minha vida, meu relacionamento com meu pai não era horrível, mas era bem superficial. Era baseado nas coisas que não eram, ao invés das coisas que eram. Não íamos apenas a uma loja ou limpávamos apenas a sarjeta; executávamos “missões”. Usávamos palavras-código. Entrávamos em “modo secreto”, ou fazíamos algo “estilo comando”. Sua frase favorita era “estamos na fase de aquisição e desenvolvimento”. Como se a gente tivesse que criar um artifício para tudo. Uma camada irônica. Tudo que fazíamos era envolvido por uma camada protetora de autoconsciência, e, como resultado, faltava sinceridade. Íamos comprar ovos na loja. Mas não era o que dizíamos. Embarcávamos no Projeto Ovum, que consistia em executar uma série de missões que tinham a ver com a segurança nacional. Quando eu era pequeno, achava que era legal; prestes a fazer catorze anos, já não achava tão legal. Comecei a me dar conta de que, para meu pai, aquilo não era uma brincadeira de criança; era como ele vivia sua vida.

Espreguicei e mexi o pescoço. Era bom estar fora do carro, no sol quente. Observei a brisa soprando na planície e inclinando a grama alta, como uma mão invisível, em minha direção. A brisa chegou até a mim, se moveu ao meu redor e resfriou meu pescoço.

“Não consigo entender”, eu disse. “A casa parece legal. Por que a gente vai derrubar ela?”

Meu pai me olhou por um momento.

“Está podre”, foi tudo o que ele disse, e pediu para que eu voltasse ao carro.

Dirigimos o restante da via que cortava o gramado como uma cicatriz cinzenta; quando o carro parou, uma nuvem de poeira nos envolveu por alguns momentos. Quando clareou, descemos para examinar a casa monolítica, que, de perto, erguia-se aos céus e apagava tudo. Era monumental; as árvores que formavam suas paredes eram imensas. Talvez fosse o longo voo e a longa viagem de carro; talvez fosse o sentimento de estar em terreno sólido pela primeira vez depois da nossa jornada — mas me senti quase tomado pela emoção. Não chorei, mas tive aquele sentimento de choro, e fiquei curioso com ele. Estava espantado por sentir algo tão visceral. Era como se estivesse, de algum modo, inspirado.

“Está podre”, repetiu meu pai, como um eco.

Por que meu pai insistia nisso? Olhei para ele; ele sacudiu a cabeça. Olhei de volta para a casa e tentei ver através dos olhos dele: o alicerce de tijolos estava frágil; a argamassa entre os tijolos tinha se esfarelado em alguns lugares, e buracos penetravam a escuridão. Os canteiros estavam descuidados; hera subia pelos pilares de troncos, pesada e tenaz, grudada à madeira com pálidos tentáculos. Subimos os degraus, e notei as empenadas pranchas de madeira da varanda. As janelas se compunham de pequenos painéis de vidro ondulado, distorcidos, cheios de imperfeições. Muitos dos painéis estavam rachados, e alguns tinham se quebrado e foram substituídos por madeira compensada. Meu pai bateu com o punho num dos pilares e franziu as sobrancelhas perante o som oco. Eu também ouvi. Parecia morto.

Meu pai cutucou as rachaduras com a unha; a argamassa se esfarelou, virou pó, e se foi. Nós dois vimos a pintura dos caixilhos das janelas, que caía em longas tiras irregulares, e vimos as fendas entre os caixilhos e o tremor dos cedros. A Casa Riddell estava realmente apodrecendo.

“Passaria na inspeção?”, perguntei.

“Não por uma inspeção feita por alguém que não esteja em coma”, respondeu meu pai.

Ele bateu na porta. Tentou a maçaneta. Bateu outra vez: nada.

“Avisei pra Serena a que horas chegaríamos.”

Ele estendeu o braço e passou a mão ao longo do batente da porta; encontrou uma chave.

“Algumas coisas nunca mudam”, disse ele, e colocou a chave na fechadura. A porta se abriu.

Lembro de me sentir, ao pisar no saguão de entrada, puxado pelo magnetismo do lugar. Era como uma cápsula do tempo recentemente descongelada do centro de uma enorme geleira. Um pedaço perfeitamente preservado da Seattle do início do século. Um museu empoeirado, esmaecido, comido pelas traças.

Era um mundo que cheirava a decomposição, úmido, com um ar pesado flutuando nas salas como um nevoeiro invisível. O interior era feito de madeira trabalhada, contrastando com as árvores cruas da fachada. Madeira escura fina, com incrustações e verniz cor de chocolate. Tapetes orientais em todos os cômodos, e um relógio de pêndulo que não estava fazendo tique-taque. Os ponteiros marcavam seis e quinze. O saguão se elevava, formando um átrio. Uma passagem oposta à porta de entrada desaparecia em trevas, e uma ampla escadaria levava a um balcão no segundo andar. Entrei na sala à minha direita e olhei ao redor. Os móveis eram elegantes e estufados; os tapetes e paredes e o teto eram escuros e sombrios. Leões de ferro, sentados nas pernas traseiras com as garras expostas, guardavam uma lareira central. Na parede ao lado da lareira, estava pendurada uma pintura de quase dois metros e meio de altura, que mostrava um homem bem-vestido, com cabelo grisalho desgrenhado e uma bengala. Ele estava olhando direto para mim, e estendia o braço em um gesto de boas-vindas tão agressivo, que fiquei espantado.

“Seu tataravô”, disse meu pai, em pé atrás de mim. “Elijah Riddell.”

“Por que ele colocou um quadro de si mesmo na própria casa?”, perguntei.

“É o que as pessoas ricas fazem.”

“Pessoas ricas são estranhas.”

“Talvez ela esteja na cozinha”, disse meu pai, dirigindo-se à parte de trás da casa.

Eu queria ficar e explorar os aposentos, mas estava intimidado por tudo aquilo. A casa parecia estar viva, quase, e respirando — um pensamento perturbador o suficiente para me fazer seguir meu pai em direção à cozinha, em vez de ficar lá sozinho.

Passamos por uma sala de jantar com uma mesa de quase oito metros, cercada por dezenas de cadeiras, depois por uma sala com livros do chão ao teto e janelas com vitrais. Finalmente chegamos à cozinha, que, no início, achei maior que toda a nossa casa em Connecticut. De um lado da cozinha,

havia uma área para cozinhar, com um grande bloco de cortar carnes, liso devido a décadas de cortes, um forno para pães, e um gigante fogão de ferro embaixo de um exaustor de cobre enorme. Do lado oposto ao fogão, havia uma longa mesa de madeira com uma variedade peculiar de cadeiras de madeira, uma espécie de área de lazer com algumas poltronas, um pequeno sofá e uma TV novinha numa velha estante. Em outra parede, havia uma lareira enorme equipada com longos ganchos, os quais, segundo explicou meu pai, serviam para pendurar caldeirões para fazer sopa nos tempos antigos. Ele também me mostrou os espetos giratórios, utilizados para pedaços de carneiro e carnes bovinas.

“Para alimentar exércitos?”, perguntei, mas ele ignorou meu comentário.

“Este lugar foi construído antes da eletricidade”, disse meu pai. “Não havia suprimento de gás. Toda esta área era selvagem quando Elijah construiu seu patrimônio. Tudo nesta casa era movido a carvão; vou te mostrar o porão; é um lugar bem fascinante. Em alguma época, alguém colocou um sistema de ponta onde antes havia carbureto de cálcio e água para produzir acetileno, que alimentava um gerador elétrico.”

“Como você sabe tudo isso?”, perguntei.

“Eu achava legal, quando era pequeno. Posso te mostrar o sistema. De qualquer jeito, eles colocaram eletricidade aqui antes de qualquer outro lugar. Muito antes que a Propriedade do Norte fosse anexada à cidade e trouxessem eletricidade e gás do município.”

“Foi nisso que a nossa herança se foi? Desenvolvendo um sistema elétrico de ponta?”

“Sabe”, disse ele, “alguma hora você vai se dar conta de que ser espertinho é muito chato.”

“Legal”, eu disse. “Você leu isso num biscoito da sorte?”

“Provavelmente.”

Sorri pela primeira vez naquela viagem ridícula. Em parte foi pela piada do meu pai. Outra parte foi meu pai mesmo.

Quer dizer, ele parecia ridículo. Ele parecia o Salsicha do *Scooby Doo!* Estava vestindo as mesmas velhas calças cáqui de sempre, com uma camiseta branca e sapatos mocassim — e viajava daquele jeito! Ele tinha entrado num avião e atravessado o país daquele jeito! Quando minha avó e meu avô por parte de mãe vinham da Inglaterra para nos visitar, eles usavam roupas formais para viajar. Minha avó usava pérolas e um vestido elegante e tudo o mais, e uma vez perguntei ao meu avô por que eles faziam aquilo, e ele disse: “Se o avião cair e nós morrermos, queremos morrer nas nossas melhores roupas”. *Isso é ter respeito pelo sistema.*

Jones Riddell — meu pai — ostentava uma barba grisalha que era longa

demais, e um bigode cobria seu lábio superior, o que deixava minha mãe louca da vida — mas ela nunca disse nada a respeito. Ela nunca pediu para que ele mudasse. Eu sabia que ela deixava que ele fosse coisas que ela detestava porque assim podia continuar a detestá-lo. O cabelo dele era comprido demais e seu rosto bronzeado demais, e ficando cheio de rugas, porque ele ficava tempo demais no sol, trabalhando nos seus barcos. Minha mãe não fazia com que ele usasse protetor solar porque ela tinha desistido. Se eu saísse na rua para pegar o jornal na caixa de correio, minha mãe me fazia colocar protetor solar, mas meu pai não. Ela tinha desistido totalmente dele.

Ficamos parados sem jeito, lá na cozinha da casa vazia. Olhei pela janela saliente que ficava ao norte, em direção ao campo, e vi uma mulher de bicicleta, que parecia ter sido tirada de algum filme antigo. Ela andava numa bicicleta de estilo antigo, com cestos presos a uma plataforma que se estendia sobre a roda traseira. Os cestos estavam cheios de compras, que transbordavam das sacolas de papel. A mulher, que era jovem e pequena, vestia um longo vestido que esvoaçava com charme acima de suas botas de cano alto, e que, de alguma forma — milagrosamente — nunca se prendiam nas correntes. Seu longo cabelo ruivo estava preso com uma fita amarrada na nuca, e ela levantava o rosto em direção ao céu, como se saudasse o sol. Apontei para ela e meu pai notou.

“Olha ela aí”, disse ele, enquanto a mulher subia até a casa.

Ela percebeu o nosso carro estacionado na frente da casa e olhou para a janela saliente, e deve ter nos visto, porque sorriu e abanou. Ela foi até a parte de trás da casa e desapareceu de vista; alguns segundos mais tarde, entrou na cozinha. Estava sem fôlego e com as bochechas rosadas. Seus olhos eram brilhantes e sorridentes e, notei, presos no meu pai. Descansou uma mão abaixo do pescoço e a outra no quadril. Seu vestido era sem mangas, revelando braços bem torneados — musculares, mas não muito, e cheios de veias, como os braços das mães obcecadas por exercícios da minha escola — e o vestido era justo na cintura, mostrando seus aspectos femininos de uma forma que eu só havia visto em filmes ou na tv.

Fiquei bem impressionado com ela. Quando meu pai me disse que íamos nos encontrar com a minha tia, que vivia com meu avô, presumi que ela vestiria jeans de mãe e teria braços gordos e pele caída nos cotovelos, e talvez até umas duas papadas. Pensei que ela seria legal e tudo, mas legal no sentido de uma velhinha legal, com um penteado como as senhoras do salão de beleza, todo fixo num só lugar e grudado para que ficasse assim por uma semana, sem se mexer. Não pensei que a minha tia pudesse ser sexy.

“Irmão Jones”, disse ela, luxuriando as palavras. Ela nem reparou em mim. “Você veio nos salvar.”

Meu pai ficou perturbado.

“Serena”, disse ele, tentando sair do estupor. “Você está...”

“Estou?”, incitou ela, brincando.

“Você cresceu.”

“Por favor. Acho que você pode fazer melhor!”

“Você está linda.”

“Melhorou”, disse ela, sorrindo.

Ela deu um passo em direção ao meu pai e deu um abraço nele de uma maneira que me deixou sem graça. Sempre pensei em abraços em termos de luta de boxe. Tem o *clinch* e o *break*, quando eles se separam. Geralmente os boxeadores se separam sozinhos, mas, se eles demoram muito, o juiz precisa separá-los. Neste caso, eu me dei conta de que teria que ser o juiz, porque o *clinch* estava durando muito mais do que deveria, então limpei a garganta. Serena largou meu pai, mas, quando se afastou, ela disse: “Você devia mesmo raspar essa barba horrorosa”, o que achei divertido, não apenas porque era verdade, mas porque era como quando um boxeador dá uma pancada no outro depois que o juiz separou os dois. Não é permitido dar soco inesperado no seu oponente durante a pausa; é preciso esperar que o juiz dê o sinal para que a luta continue.

“Você deve ser o Trevor”, disse ela, rodopiando em minha direção e me envolvendo completamente. Não há outra maneira de descrever. Fiquei paralisado.

“Dê um beijo na sua tia Serena”, disse meu pai.

Serena sorriu do meu desconforto. Eu não conseguia parar de olhar para o côncavo onde a garganta dela se encontrava com a clavícula.

“Por enquanto, pode ser um aperto de mão”, Serena disse, estendendo a mão. “Vamos guardar os beijos para depois, o.k.?”

“Eu aceito o beijo”, consegui cochichar, e ela riu. Inclinou-se e me deu um beijo na bochecha. Eu senti um cheiro maravilhoso, algo cítrico e fresco.

“Você é um docinho”, disse ela.

“Sim, senhora”, eu disse.

“Não sou senhora, e espero nunca ser. Sou tia Serena, se você insiste em formalidades, ainda que eu prefira que você não insista. Só Serena está bom.”

“Sim, só Serena”, eu disse, provocando um sorriso.

“Macaquinho atrevido”, ela disse, e me deu uma olhada de cima pra baixo, como se eu estivesse num cabide de mostruário na Macy’s. “Ele tem os seus olhos, Jones. Não na cor: a cor deve ser da Rachel. Mas no formato. Ele com certeza é um Riddell.”

“Com certeza é um Riddell”, concordou meu pai.

“Mas estou sendo egoísta! Vocês devem estar famintos. Nunca viajei de

avião, mas em filmes dizem que a comida é horrorosa. Deixem-me preparar alguma coisa pra vocês. Já almoçaram? Pode ser um lanchinho, só para segurar até o jantar.”

Sem esperar resposta, ela correu para fora.

“Vai ajudar”, mandou meu pai, então fui atrás dela e ajudei com as sacolas de compras.

Serena fez sanduíches, porque não havíamos almoçado: um peru recém-assado estava nos esperando na geladeira. Quando terminamos, ela nos levou para cima e nos mostrou nossos quartos, que ficavam em pontas opostas de um longo corredor.

“Achei que você ia gostar de um pouco de privacidade”, ela disse, enquanto me levava pelo corredor, depois de deixar meu pai no quarto dele, na parte da frente da casa. “Além disso, é mais fresquinho na parte de trás. Coloquei seu pai no antigo quarto dele, para que ele se sentisse à vontade. Mas lá é muito quente no sol da tarde, e não temos ar-condicionado. Acho que aqui você vai ficar mais feliz.”

Ela me levou a um quarto vazio exceto por uma cama, uma cômoda, um ventilador, uma escrivaninha pequena e uma cadeira de balanço; as paredes e o chão estavam vazios.

“Seu pai me contou que você quer ser escritor quando crescer”, ela disse. “É uma profissão admirável. Sempre admirei os escritores. Coloquei esta escrivaninha aqui para você. Precisa de papel e caneta?”

“Eu tenho meus cadernos”, eu disse.

“Ah, ótimo”, ela disse, com um sorriso satisfeito. “Aqui é um pouco rústico, mas é muito pacífico. Sinta-se em casa. Sei que você está cansado depois da viagem, então vou te deixar sozinho pra tirar uma soneca. O jantar vai ser às sete, lá embaixo. Você vai conhecer Vovô Samuel. Não vai ser bom?”

“Você tem um emprego?”, perguntei.

Ela pareceu espantada com a pergunta, e me senti envergonhado por querer saber mais sobre ela.

“Claro que eu trabalho. Alguém precisa pôr comida na mesa, e com certeza não vai ser o Papai!”

“O que você faz?”

“Trabalho para um administrador de imóveis. Tenho certeza de que isso deve parecer bem chato para um garoto como você: um escritor! Envolto no mundo das letras! Bom, é importante que todos nós tenhamos nossas metas, ainda que algumas sejam mais modestas que outras.”

Então ela me deixou sozinho, como prometido. Mas não tirei uma soneca; sonecas me davam náusea. Além disso, eu queria entender Serena. Que adulto nunca andou de avião? Minha família era praticamente pobre

— bom, naquele instante éramos *verdadeiramente* pobres, mas, antes disso, éramos apenas praticamente pobres — e eu já tinha andado de avião um monte de vezes.

Tirei minhas coisas da mala e coloquei na cômoda. Caminhei em círculos pelo quarto por algum tempo, porque estava quente e eu estava cansado. Finalmente me deitei na cama, transei os dedos atrás da cabeça, fiquei olhando para o teto e ouvindo o barulho do ventilador girando, balançando no chão, pra frente e pra trás.

Devo ter dormido, porque acordei espantado com o som da voz de alguém, ou assim pensei. Será que foi meu pai? Não havia ninguém no meu quarto, e o resto da casa estava em silêncio. Levantei e olhei o corredor. Nada. Senti um calafrio; a brisa do ventilador soprou no meu pescoço e me arrepiei. Jurava que tinha escutado alguém dizer meu nome.

E quando fechei a porta e voltei à cama, ouvi um rangido baixinho, em algum lugar nas profundezas das vigas da casa, como se a própria casa estivesse me chamando.